AL-QAEDA E ESTADO ISLÂMICO (EI): DA FRANQUIA AO CALIFADO? ESCALAS, REDES E TERRITÓRIOS

RESUMO

O presente trabalho constitui uma análise comparativa entre estratégias e escalas de ação da Al Qaeda e do EI. Quais fatores, nacionais, regionais e mundiais explicam as trajetórias diferenciadas dos movimentos? Como se articulam as relações de cada um desses grupos com os territórios onde operam?

Nosso arcabouço teórico-metodológico está pautado nos seguintes conceitos: território e territorialidade (Souza, Raffestin, Haesbaert, Sack,); território-zona e território-rede (Veltz); rede (Raffestin; Dias, Santos); escala de ação (Castro, Sack); islamismo-radical (Said, Costa, Fillul, Kepel) e terrorismo (Chaliand). A operacionalização da pesquisa utilizou o método de análise dos conflitos em diversos níveis de análise proposto por Lacoste.

Almejamos assim identificar quais foram às mudanças mais significativas ocorridas a parir do surgimento e expansão do EI, que marca possivelmente, uma nova virada geopolítica do terrorismo internacional. Frente ao território-rede da Al Qaeda, a estratégia seguida pelo EI aponta para formação de um território-zona mais tradicional.

Palavras chaves: Terrorismo; Territórios e Redes.

ABSTRACT

This paper presents a comparative analysis of strategies and action scales - Al Qaeda and EI. What factors, national, regional and global explain different trajectories? How to articulate the relationship of each to the territories in which they operate?

The concepts used are : territory and territoriality (Souza , Raffestin , Haesbaert , Sack,) ; territorial zone and territorial network (Veltz) ; network (Raffestin ; Dias Santos) ; scale action (Castro , Sack) ; Islam - radical (Said , Costa , Fillul , Kepel) and terrorism (Challiand) . Operationalization used the method of analysis of conflicts in various levels of analysis (Lacoste).

The goal is to identify changes with the emergence and expansion of ISSIS, possibly as the new geopolitics of international terrorism. Front of the Al Qaeda territory-network, ISSIS strategy points to the formation of a traditional territory.

Keywords: Terrorism; Territories and networks.

RESUMEN

Este trabajo es el análisis comparativo de las estrategias y las escalas de acción de Al Qaeda y la IE. ¿Qué factores, nacional, regional y mundial explicar las diferentes trayectorias de los movimientos? ¿Cómo articular la relación de estos grupos con los territorios en los que operan?

Nuestro marco teórico y metodológico sobre conceptos: territorio y territorialidad (Souza, Raffestin, Haesbaert, Saco,); zona territorial y la red territorial (Veltz); red (Raffestin; Dias Santos); acción escala (Castro, saco); Islam radical (Said, Costa, Fillul, Kepel) y el terrorismo (Challiand). La puesta en funcionamiento de la investigación utilizó el método de análisis de conflictos en diversos niveles de análisis (Lacoste).

Nuestro objetivo es identificar los cambios para dar a luz a la aparición y expansión de la IE como un nuevo giro geopolítico del terrorismo internacional. Frente de la red Al Qaeda-territorio, estrategia IE apunta a la formación de un território tradicional.

Palabras clave: Terrorismo; Territorios y redes

Vivian Santos Da Silva
Universidade federal do Rio de janeiro
Mestranda em geografia pela Universidade federal do Rio de janeiro - UFRJ, 2014.
Bolsista de mestrado - com fomento fornecido pelo conselho nacional de desenvolvimento científico e tecnologico - CNPq.
E-mail: vsgeoufrj@gmail.com

INTRODUÇÃO

A política contemporânea do terror estatal foi inaugurada durante a Revolução Francesa (Terror entre 1793 e 1704) e praticada desde então de forma recorrente em contextos diversos por Estados em luta contra outros Estados – bombardeios de Dresden ou Hiroshima destinados a matar, desmoralizar o adversário e afirmar sua supremacia militar e política, por exemplo – ou contra populações civis (Guatemala nos anos 1960, Brasil na década posterior, África do sul durante o Apartheid etc.). O Estado terrorista e/ou colonial foi frequentemente combatido por movimentos e grupos armados (Frente de Libertação Nacional argelina, Tupamaros, Congresso Nacional Africano e etc.) perseguidos, por sua vez, por praticar, instigar ou apoiar atos terroristas. Por isso, grupos de resistência armada ao nazismo, partidos palestinos ou curdos, milícias de extrema direita, norte-americanas, movimento anticolonialistas, guerrilhas tâmeis, congolesas ou colombianas, Yasser Arafat, Nelson Mandela, Dilma Rousseff ou Osama Bin Laden foram definidos como terroristas por adversários entre os quais alguns se singularizam pela prática sistemática do terror político.

De acordo com Galito (2013) também há dissidentes que usam o medo como principal/único *modus operandi* que almejam alcançar uma revolta generalizada contra um alvo odiado por razões difusas. Neste caso, o objetivo não é apenas político. As questões envolvidas são diversas, tais como religiosas e culturais, utilizadas para recrutamento e justificação comunitária. A aplicação do terror pode ser tanto local, nacional, regional como global. O terrorismo no final do Séc XIX apresenta se como uma ameaça internacional (escala global), mas também na escala local, no lugar onde os praticantes se inserem/escondem, pois os alvos podem ser redefinidos no decorrer da insurgência.

As seitas ou organizações fundamentalistas, apocalípticas e tradicionalistas são as principais modalidades do terrorismo pós-moderno (LIFTON, 1999; FLYNN, 2000; LAQUEUR, 1996).

O terrorismo é frequentemente definido não pelos objetivos dos grupos que o praticam e sim pelos meios que usam. Os terroristas recorrem comumente à ação violenta de grande impacto físico e psicológico no intuito de criar situações de medo e sentimento de vulnerabilidade (ARON, 1985). Os atentados têm uma dupla função: publicização de uma causa e provocação de uma reação violenta por parte dos Estados atingidos, reação suscetível de facilitar, por sua vez, posteriormente, o recrutamento de militantes ou ativistas. O uso sistemático e inovador da mídia da mídia é um elemento central das estratégias dos indivíduos e grupos praticando atos terroristas desde o final do século XIX (CHALLIAND, 2001).

O terrorismo pós-moderno consegue usar a globalização a seu favor, e se alimentar desta. Dispondo de sofisticados arsenais de financiamentos e artefatos, e também de membros recrutados em vários países do mundo, tendo estes, muitas vezes, um nível educacional elevado. O financiamento dos grupos terroristas (Séc. XX) vem tanto por contribuições dos membros e principalmente dos simpatizantes, como também em alguns casos pela associação com atividades ilícitas, como o tráfico de drogas. Além é claro, do indispensável apoio de alguns Estados que os escondem ou até que permitem (ou financiam em parte) os seus campos de treinamento. Devido à grande sofisticação dos atuais meios de destruição, o terrorismo torna-se cada vez mais letal e catastrófico (CARTER, DEUTCH e ZELIKOW, 1998).

O presente trabalho propõe uma análise comparativa das estratégias territoriais e escalas de ação de duas organizações terroristas: Al Qaeda e do Estado Islâmico. Os principais objetivos consistem na análise sobre: 1º) Quais fatores, nacionais, regionais e mundiais explicam as trajetórias diferenciadas seguidas pelos dois movimentos? 1º) Como se articulam as relações de cada um desses grupos com os territórios onde operam?

Para responder a tais perguntas elaboramos um arcabouço teórico e metodológico pautado em conceitos da geografia e das ciências políticas, que se mostraram relevantes para

o estudo geopolítico de conflitos, sendo estes: território e territorialidade (Lopes, Raffestin, Haesbaert, Sack,); território-zona e território-rede (Veltz); rede (Raffestin; Dias, Santos); escala de ação (Castro, Sack); islamismo radical (Said, Costa, Fillul, Roy, Kepel) e terrorismo (Chaliand). A operacionalização da pesquisa utilizou o método de análise dos conflitos em diversos níveis de análise proposto por Yves Lacoste.

A GEOGRAFIA DO TERROR – A DIFUSÃO E AÇÃO DO RADICALISMO ISLÂMICO NO MUNDO

Depois da 2ª guerra mundial, a bipolarização da sociedade internacional e o enfrentamento entre Israel, movimento palestino e países árabes contribuíram para a disseminação da violência terrorista fora dos santuários territoriais poupados pela dissuasão nuclear. No Oriente Médio, os sequestros de avião se multiplicam a partir de 1968 contribuindo para mudar o centro de gravidade do conflito para uma nova escala.

A derrota dos Árabes diante de Israel em 1967 provocou uma autonomização relativa da luta palestina, ao mesmo tempo, que a afirmação de dissidências dentro da OLP (Organização para a Libertação da Palestina). Os diversos componentes do movimento optaram para estratégias diferenciadas e receberam o apadrinhamento de regimes árabes que garantem, entre outras coisas, um eficiente apoio logístico dentro de um complexo cenário geopolítico regional.

Ao mesmo momento, as experiências políticas nacionalistas, laicas e "progressistas" egípcia (Nasser, Sadate), iraquiana (partido Baath), síria (partido Baath) ou argelina (FLN) manifestam sinais de esgotamento enquanto as monarquias do Irã ou Afeganistão não conseguem superar o acirramento das contradições internas. Regimes políticos e governos perdem seu crédito diante da falência das políticas desenvolvimentistas, do crescimento das desigualdades sociais, da corrupção generalizada e do autoritarismo político (KEPEL, 2004). Em sociedades que não oferecem perspectivas para sua juventude, os grupos islamistas, quase sempre clandestinos, ampliam seu recrutamento.

No Irã, a Revolução de 1979, que derrubou um regime conservador, modernizador, corrupto, autoritário e pro-ocidental, mostra que o islamismo pode chegar ao poder sem passar por eleições. Na mesma época, o assassinato do presidente egípcio Sadate (1981) marca uma revanche indireta sobre Israel enquanto a resistência do Hezbollah durante a invasão do Líbano pelos israelenses em 1982 é enaltecida em toda a região. Esses eventos comprovam que o islamismo radical consegue se posicionar vitoriosamente nos seus embates com os infiéis e seus aliados. Por fim, a derrota soviética no Afeganistão (1989) marca uma bifurcação (BROWN, HAMZAWY, OTTAWAY, 2006; LAPIDUS, 1997). O país da Ásia central tem atraído jovens combatentes oriundos do mundo muçulmano que se alistaram para combater ao lado dos guerrilheiros afegãos. Paralelamente, com o fim da ordem bipolar abria-se um período de instabilidade geopolítica que afetou mais especificamente a África subsaariana e o mundo muçulmano.

DO JIHADISMO LOCAL AO JIHADISMO GLOBAL ???

Os contextos regional e global constituem um terreno fértil para o desenvolvimento do islamismo mais radical, em geral de matriz salafista. De acordo com Costa (2001) o conceito de fundamentalismo deriva de um movimento de conservadorismo protestante Norte-Americano, que traduz uma maioria moral. Segundo Pinto (2005), todo fundamentalismo é uma resposta radical a uma insegurança existencial sentida como ameaçadora (PINTO, 2005).

De acordo com Ramos e Figueiredo (2012) Os movimentos fundamentalistas islâmicos originaram-se na decadência do poder muçulmano no século XVIII, inseridos no processo de expansão do Império Turco-Otomano. De acordo com o autor, neste período, os

líderes espirituais, foram obrigados a aceitar determinações do poder político imperial, que apesar de islâmico, objetivava agradar povos não-muçulmanos dominados pelo império, o que resultou em troca de manifestações culturais, que não eram bem vistas por estes. deste modo a expansão do colonialismo ocidental foi um processo fundamental para o retrocesso da cultura islâmica (RAMOS E FIGUEIREDO, 2012).

O fundamentalismo islâmico constitui-se como doutrina religiosa, radical e extremista, que procura obter primazia sobre os diferentes pensamentos em relação ao próprio islamismo, que por sua vez, se diferencia enquanto concepção dentro da comunidade muçulmana. De acordo com Boff (2002) O Islamismo original não é guerreiro nem fundamentalista. É tolerante para com todos os povos, especialmente "os povos do livro" (judeus e cristãos). Ele vive de duas grandes convicções: a afirmação da absoluta unicidade e transcendência de Deus, a partir de onde tudo na Terra é relativizado, e a comunidade profética dos irmãos, pois todos são criaturas de Deus e devem se entre ajudar (BOFF, 2002, p. 12-29),

O termo "jihadismo" é um tanto controverso. Naturalmente ele é uma derivação do preceito Islâmico "jihad", que, de uma forma muito resumida, pode ser entendido como a luta ou guerra a favor do Islã. Que de acordo com Etinne (1987) resulta da uma combinação de três princípios: o esforço individual de luta contra si mesmo; a luta pela expansão do Islã, logo a luta contra os infiéis e a luta contra o muçulmano que não está de acordo com o preceito islâmico; e a luta para seguir o caminho de Deus (ETIENNE, 1987: 186-187).

O denominado "jihadismo", visto como um fenômeno que abrange a escala global, poder ser considerado relativamente recente no seio mais radical do movimento islâmico. De acordo com Napoleoni (2015) Seu surgimento em âmbito global é remetido aos meados da década de 1990, com a emergência da organização conhecida por Al-Qaeda. De acordo com Duarte (2011) foi a partir dos ataques de 11 de Setembro, que o Jihadismo começou a ser associado internacionalmente como à violência islâmica sunita, inseridos no discurso mediático e acadêmico, como uma forma de distinção dos militantes islamistas não‑violentos. Sendo, de acordo com o autor, um neologismo, e que desta forma não é uma forma inerente de reconhecimento da cultura e história do Islã.

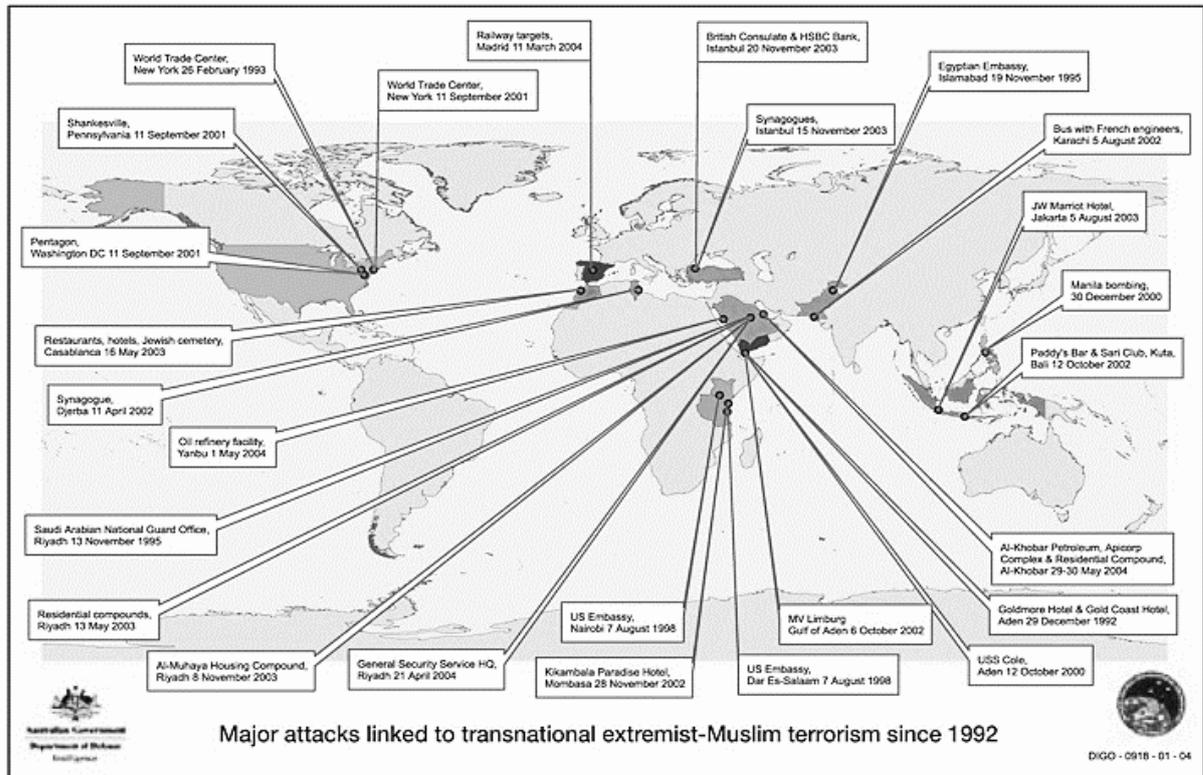
Segundo Duarte (2011) de acordo com as nuances interpretativas, podemos dizer que existem duas formas inspiradoras no jihadismo. A primeira forma seria aquela que vem beber da "Irmandade Muçulmana", que assume um maior pragmatismo político e cuja manifestação mais radical passa pela doutrina professada por Sayyid Qutb, e a segunda forma advém do Salafismo, literal e puritano, insuflado pelo wahhabismo Saudita, e cuja expressão mais radical se verifica no chamado salafismo-jihadista. De acordo ainda com o autor (DUARTE, 2011) podemos dizer que entre os qutbistas e o salafismo-jihadista existem três grandes diferenças. Os salafistas-Jihadistas são considerados mais extremistas e intransigentes que os gutbistas; pois eles tendem a focar mais na doutrina religiosa (wahhabismo e salafismo) do que no pragmatismo político patente nos ensinamentos de Qutb e na prática da "Irmandade Muçulmana"; e também em relação a definição de inimigo e no raio de sua ação, os salafistas-jihadistas procuram ser mais internacionalistas e mais anti-ocidentais.

Sendo assim o jihadismo-salafista (escala global) cria uma oposição clara, tanto a governos estrangeiros, quanto a governos de países muçulmanos considerados próximos dos infiéis (inimigos do islã). A estratégia adotada consiste na luta contra os governos ocidentais, devido à influência que estes, incidem sobre os países Muçulmanos, e também por que isso seria uma forma de enfraquecer os apóstatas locais, que muitas vezes, são financiados por governos estrangeiros. A estratégia para derrotar o inimigo interno, passa a ser, atacar seus principais patrocinadores, dando origem assim a diversos ataques em países ocidentais.

Este terrorismo pautado num discurso fundamentalista religioso tem como base os atentados suicidas, que são realizados em locais com um grande contingente populacional,

para que o ataque consiga atingir o maior número de vítimas e com isso aumentar a propagação do terror.

1-Mapa com ataques terroristas (Extremistas islâmicos) transnacionais -1992-2004

Fonte:http://www.quora.com/If-Islam-is-a-religion-of-peace-as-claimed-by-its-followers-why-are-terrorists-and-militants-acting-in-the-name-of-jihad-and-sharia

AL QAEDA: UMA FRANQUIA INTERNACIONAL?

O surgimento e a consolidação rápida de Al Qaeda como uma internacionalista de muçulmanos que querem militar e combater a serviço de outros muçulmanos marca uma virada. A partir da vitória do Taleban, Al Qaeda pode consagrar-se à luta na periferia do mundo muçulmano: Bósnia, Chechênia, Caxemira e etc. O grupo multiplicou, paralelamente, os atentados no mundo: WTC em Nova Iorque (1993); embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia (1998); novamente o WTC nos EUA (2001); instalações turísticas em Bali (2002), trens de subúrbio de Madri (2004), metro de Londres (2005), e etc.

Após os atentados reivindicados pela Al-Qaeda, desde 2001, e até pela forma como a comunidade internacional reagiu ao fenômeno, surgiu a convicção de que estaríamos a viver uma mudança de paradigma; que a ameaça do terrorismo era agora um fenômeno transnacional, diferente do terrorismo tradicional, pois este havia deixado de ser um “problema de segurança interna” para se tornar um “conflito internacional”.

Al-Qaeda se consagra assim como movimento cosmopolita e internacionalista que sabe articular as escalas de ação, que faz uso intensivo das tecnologias da informação e controla importantes redes legais e ilegais de financiamento. De acordo com Loureiro dos Santos (2002), A Al-Qaeda é uma rede que possui muitas características que podem ser comparadas a das super-máfias internacionais, com tentáculos em diversas partes do mundo, e financiada através do narcotráfico na Ásia Central (Afeganistão) e da lavagem de dinheiro. Al

Qaeda firma-se como um produto da globalização, que consegue assimilar as possibilidades operacionais proporcionadas por uma sociedade em rede.

> De acordo com Haesbaert (2004) o território-rede tem uma perspectiva euclidiana de um espaço superfície que praticamente sucumbe à descontinuidade, à fragmentação e à simultaneidade de territórios que não podem mais ser distinguidos claramente onde começam e onde (...) (HAESBAERT, 2004a:348).

Jones (2011) descreve a Al-Qaeda como um sistema complexo, caracterizado pela existência de uma série de redes ou células pequenas e dispersas que têm a capacidade de evoluir (redundante). De acordo com Raffestin (1993) a rede é proteiforme, móvel e inacabada, sendo assim a atuação em rede tira de sua falta de acabamento a sua força no espaço e no tempo, sendo está um “instrumento” por excelência do poder (RAFFESTIN, 1993, p.204).

Nesse cenário emerge a expressão “Terrorismo em Rede”, utilizada por Haesbaert (2002). Para o geógrafo, o grupo Al Qaeda possui em sua estrutura bases ou “células” de uma organização ilegal – e a flexibilidade das redes com seus fluxos de várias ordens. Parte desta agilidade se deve ao acesso às redes técnico-informacionais contemporâneas e aos investimentos mantidos pelo grupo, especialmente em setores ilegais da economia. Pelo seu caráter mais difuso, fragmentado e descontínuo (mas nunca desarticulado) no espaço geográfico, o terrorismo da Al Qaeda constitui um dos âmbitos ilegítimo do processo de globalização.

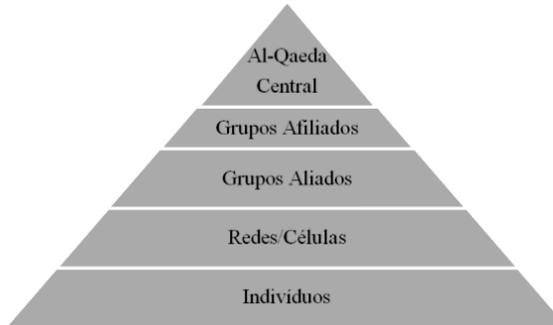
Essas redes são definidas, concomitantemente, pela escala internacional, mas também pela local, já que estas são baseadas pelas estreitas relações pessoais que conformam a globalização e a coesão de um restrito grupo homogêneo de homens que compartilham da solidariedade da causa. O que por sua vez resulta na flexibilidade e na confiabilidade das redes.

Sageman (2004) define ser possível encontrar esse *esprit de corps* nos dois extremos da iniciação a grupos jihadistas no Afeganistão. Os novos membros podem ser encontrados entre amigos próximos que simpatizam com o movimento no seu local de origem (Afeganistão), como em países distantes (SAGEMAN, 2004). Sendo assim os membros combatentes inseridos nas células da Al-Qaeda possuem muitas vezes vínculos pessoais que podem ter sido forjados no Afeganistão e em seguida, podem ter sido instrumentados para uma dimensão transnacional e "desterritorializada", dando origem a um território-rede, sendo este descontinuo.

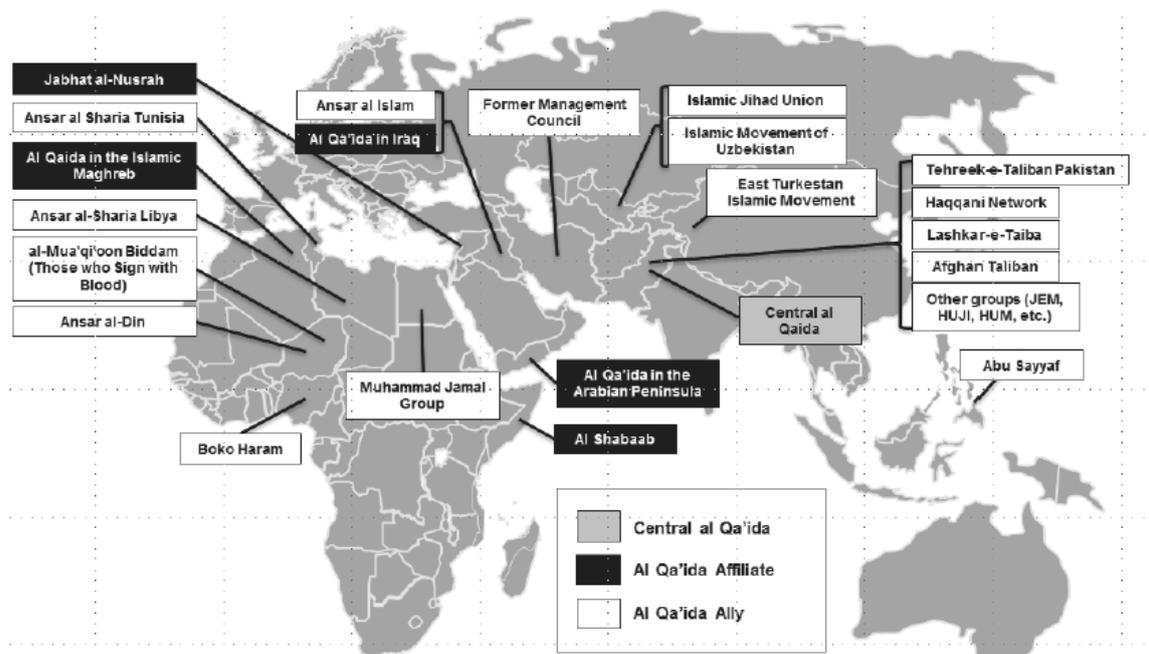
Bourdin (2001) discorre sobre este aspecto ao comentar sobre os territórios descontínuos: de acordo com o autor estes sempre existiram, e dentro da diversidade territorial da atualidade, devemos ressaltar a distinção crescente entre uma lógica territorial zonal e uma lógica territorial reticular. Estas lógicas se interpenetram, se mesclam, o que resulta em novos circuitos de poder que desenham complexas territorialidades (BOURDIN, 2001).

Além disso, com relação a esta organização, a estratégia de emprestar o nome “Al-Qaeda" para autoria de atentados em diversos lugares do mundo, possui um objetivo claro. Os alvos são satisfatoriamente abrangentes (tudo o que remete à presença ocidental), deste modo, emprestar o nome da organização cria a impressão de que sempre está ocorrendo um atentado realizado pela a Al-Qaeda, em algum lugar do mundo, tornando-a uma organização uni-presente. (reformular)

Hoffman (2006) estabelece a estrutura da Al-Qaeda dividida em níveis ou camadas, baseado nas informações contidas no Testemunho de Seth Jones sobre o Futuro da Al-Qaeda.

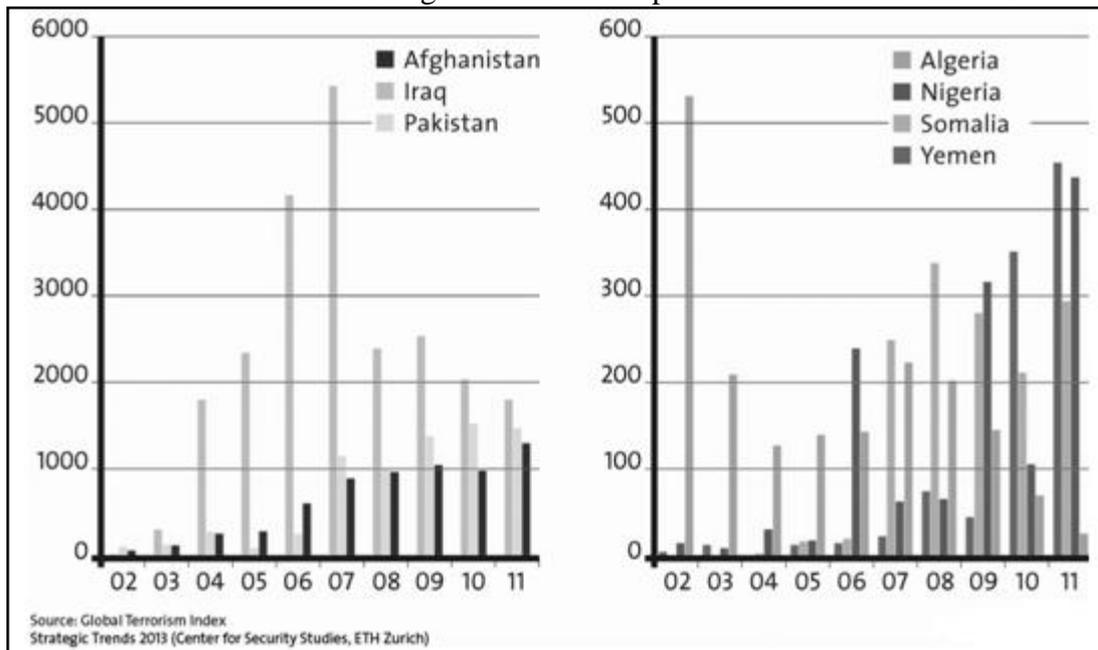
1. Diagrama de pirâmide sobre a estrutura organizacional da Al Qaeda.

Fonte: Nóbrega, 2013.

De acordo com o modelo apresentado, a Al-Qaeda Central, encontra-se no topo da pirâmide, exercendo a função dos líderes seniores da organização. Os Grupos Afiliados encontram-se na camada abaixo, estes, de acordo com Jones tornaram-se ramos integrantes da Al-Qaeda. A terceira camada é constituída pelos Grupos Aliados, sendo que estes grupos mantêm uma ligação com a organização mais fluida, já que estes não são membros propriamente ditos, o que lhes confere uma independência maior da organização, tornando-os apenas colaboradores em algumas ocasiões e operações. Logo abaixo estão as Redes e Células aliadas, que são definidos pelos pequenos grupos de adeptos da Al-Qaeda que mantêm uma ligação direta à organização. E por fim os Indivíduos, que se encontram na base da pirâmide. Estes indivíduos tanto podem manter ligações com a Al-Qaeda, quanto podem apenas se inspirar na organização que os estimula a agir (HOFFMAN, 2006).

Mapa 1 - Al-Qaeda Central, Afiliados e Aliados (2013)

A organização é definida por praticantes como uma "entidade invisível, não sendo está um Estado, e por isso não pode assim dialogar com um. Tendo como um dos objetivos centrais a derrubada de governos corruptos nos países muçulmanos, com o intuito de substituí-los por governos islâmicos e reconstituir o califado" (***Omar Bakri Mohammed***, 2004 - entrevista realizada por Paulo Moura a Omar Bakri Mohammed, um *sheik* que se autoproclamava "líder do Londonistão").

Al Qaeda atualmente não só continua a ser uma ameaça para países ocidentais , como também vem ampliando suas capacidades e possibilidades, com um aumento considerável de ataques em países do continente africano. De acordo com o Jones (2011) "temos uma expansão líquida do número e geográfica das filiais da Al-Qaeda e aliados durante a última década, o que indica que a organização e sua marca estão longe de ser derrotado" (JONES, 2011).

De acordo com ainda com o autor (Jones, 2011) existem algumas razões especificas para o crescimento do grupo terrorista, sendo as revoltas árabes uma delas. Já que estas têm enfraquecido regimes no norte da África e no Oriente Médio, dando origem a oportunidade para afiliados e aliados, o que continua a garantir tal posição da Al-Qaeda."

Mapa 2 - Atentados terroristas de origem Jihadista em países selecionados 2002-2011

Como pode ser observado no mapa acima, tal expansão - associada com o enfraquecimento do centro da Al Qaeda no Paquistão, de acordo com Jones (2011) resultou em um movimento de difusão e de descentralização da organização.

O ESTADO ISLÂMICO: A INSURGÊNCIA DE UM NOVO TERRITÓRIO???

Entre os séculos VII e XI a expansão do império árabe-islâmico desde a Ásia Central até a Península Ibérica só foi possível pela unificação entre estado e religião na nova organização política-religiosa instituída por Maomé que, assim como outras civilizações, usou a religião para expandir seu território. No entanto, em meados do século X, o enfraquecimento do império já era visível. As elites locais passaram a governar em função de seus interesses e o esfacelamento foi irreversível. No século XIV, o que se chamou de império árabe já não existia mais (RODINSON, 1977;LEWIS, 2010; KENNEDY, 2007).

Atualmente com o surgimento do grupo salafista jihadista denominado Estado Islâmico (Isis – inglês), que é um grupo de dissidentes da Al-Qaeda, vislumbramos um novo processo de conquista territorial, aonde nos últimos meses, tal grupo vem conquistando cada vez mais territórios no Iraque e Síria. Segundo a BBC (2014) o grupo possui cerca de 31.000 combatentes e controla uma área de aproximadamente 40.000 km² na qual residem oito milhões de pessoas (BBC, 2014).

De acordo com Pierini (2014) tais conquistas territoriais possibilitaram ao grupo o acesso a uma grande quantidade de material bélico e também ativos econômicos, que permitiram a manutenção de suas campanhas (PIERINI, 2014). Segundo Brancher (2015) os recursos econômicos do grupo, advém também das contribuições de milionários ao longo do Golfo Pérsico, por meio da exportação de petróleo e gás dos campos das áreas controladas, e da taxação cobrada sobre a população local.

O grupo é composto por Islâmicos sunitas, e seus militantes consideram os xiitas, que é o grupo predominante no Iraque, como infiéis que merecem ser mortos, e também alegam que os cristãos, precisam se converter ao Islã, e necessitam pagar uma taxa religiosa ou enfrentar a pena de morte.

O Estado Islâmico requisitou a todos os muçulmanos lealdade a seu chefe, proclamado então o califa, Abu Bakr al-Baghdadi. O Islã político defende a volta da sharia como um sistema de vida, incluindo a política. A organização defende a unificação dos países muçulmanos sob um califado, que representaria o símbolo da unidade islâmica e seu restabelecimento se constitui como o objetivo deste.

A ofensiva violenta do grupo tem apoio de sunitas descontentes com o governo de Bashar Al-Assad na Síria e também com o governo xiita no Iraque. O EI encontrou no Iraque e na Síria um ambiente político-econômico-social propício para o processo de dominação territorial. Segundo Napoleoni (2015) a Síria estava imersa em uma Guerra Civil, pós-Primavera árabe, e o Iraque em um progresso prejudicado pela intervenção do Ocidente (invasão americana ao Iraque em 2003). Tais fatores criaram as condições iniciais que corroboraram para as investidas bem sucedidas do EI nestes Estados. De acordo ainda com a autora (NAPOLEONI, 2015) o terreno ideal para a construção deste Estado-fantasma, que poderia ser o precursor de um "Estado Nação", se dá exatamente nestes enclaves territoriais assolados por guerras, pois neles, a infraestrutura ruiu e a autoridade política se esvaiu.

1.Cartograma que ilustra as áreas controladas pelo Estado Islâmico (ISIS) no Iraque e na Síria.

Fonte: BBC News, 2015.

Este novo território que se forma a partir das áreas conquistas pela EI na Síria e no Iraque apontam para a formação de um território-zona tradicional, onde o movimento almeja construir uma forma de Estado. Segundo Souza (1995) Souza a concepção de território na tradicional Geografia Política, está fixado na escala nacional e apoiado na figura do Estado-nação, com limites espaciais e temporais com pequena mobilidade, uma vez que, aceita a durabilidade como geradora de raízes e identidade sociocultural (SOUZA,1995).

> De acordo com Haesbaert (2004) o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, "desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais 'concreta e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou 'cultural-simbólica'" (HAESBAERT, 2004:95-96).

A atuação do EI no Oriente médio aponta claramente para atos de dominação político-social-simbólica, que busca a homogeneização sociocultural nas áreas dominadas por este, com atos de grande violência.

Segundo Lefebvre, dominação e apropriação precisariam caminhar juntas, mas a última deveria prevalecer sobre a primeira (LEFEBVRE,1986). Sack ressalta, por sua parte, que dentro de um processo de dominação e/ou apropriação, o território e a territorialização devem ser analisados em sua multiplicidade de manifestações – que são, sobretudo, a multiplicidade de poderes, que neles estão incorporados através dos múltiplos agentes/ sujeitos envolvidos. Devemos então inicialmente diferenciar os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem. As motivações que levam ao controle social pelo espaço variam de acordo com a sociedade ou cultura, o grupo e, muitas vezes, com o próprio indivíduo.

> De acordo com Sack (1986:6) Controla-se uma "área geográfica", ou seja, o "território", visando "atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos" (SACK, 1986:6).

A estratégia seguida pelo EI se diferencia daquela adotada pela Al-Qaeda em alguns pontos fundamentais. Como foi citado anteriormente o EI almeja estabelecer sua soberania com Estado e controlar de forma perene um território que está sendo conquistado. Constituindo assim uma luta em escala local, sendo está baseada na proximidade e contiguidade.

De acordo com Napoleoni (2015) a entidade territorial é apenas um Estado-fantasma, que possui uma infraestrutura socioeconômica, mas é desprovido de um reconhecimento político e da identidade nacional, presente em uma nação. De acordo com a autora a criação e administração de um Estado-fantasma é relativamente simples, pois nele, ainda não existe a unificação política.

No entanto a violência usada de forma intensa pelo EI, representa um nítido paradigma: a ausência de concessões, na busca pela eliminação de qualquer traço que não decorra do islã sunita radical, que passa a ser interpretado e aplicado com uma violência enquanto princípio.

De acordo com Arendt (2002) o conceito de 'violência' é encarada através do sentido de meio ou instrumento de coação que constituem recursos ao serviço exclusivo e soberano de uma dada autoridade (ou entidade), para o exercício de uma dada forma de poder. Para a autora a violência é inerente ao ato de "fazer", "fabricar" e "produzir" e, na sequência de sua exposição, identifica a violência com o ato de "matar" e "violar" (ARENDT, 2002: 152).

As execuções realizadas pelo EI, promovem choque na comunidade internacional, os assassinatos são midiatizados e protagonizam cenas de violência intensa, com decapitações coletivas, execuções sumárias (pessoas sendo queimadas vivas), crucificações, enforcamentos e mutilações. Tais ações se caracterizam como modus operandi da brutalidade incomensurável da organização. E em comparação com a Al-Qaeda a violência praticada pelo EI é mais intensa e é realizada cotidianamente, sendo a violência uma forma de publicizar a ação do EI. Segundo Lia (2009) A mensagem do movimento seria passada às massas pelas declarações dos líderes via media, propagando o modelo de herói mártir, e humilhando o inimigo com ataques violentos e bem sucedidos (LIA, 2009: 13‑14).conferindo assim a seus militantes um status suscetível de seduzir e atrair jovens das comunidades muçulmanas exteriores ao Oriente Médio.

CONCLUSÕES

O surgimento e a expansão do Estado Islâmico marcam uma nova virada na geopolítica do terrorismo internacional cujo ator principal foi, nas últimas duas décadas, um grupo que organizou-se como uma franquia global composta por células, às vezes completamente autônomas, mas que usam a marca Al Qaeda para obter uma publicidade maior quando executam suas ações. Frente ao território-rede de Osama Bin Laden, a estratégia seguida pelo Estado Islâmico no Iraque e na Síria aponta para a formação de um território-zona mais tradicional onde o movimento está atualmente tentando construir uma forma de Estado.

O princípio da territorialidade zonal, muitas vezes, de acordo com (BADIE, 2004), se opõe ao mundo das redes, em relação a articulação dos indivíduos e dos grupos. A territorialidade das redes é livre dos constrangimentos espaciais, sendo está utilizada pela Al-Qaeda; já a territorialidade zonal, utilizada pelo EI, é fundada sobre a contiguidade e na exaustividade, o que implica o fechamento e a exclusão, já o outra, a abertura e a inclusão. No primeiro caso, as relações são funcionais e supõe fidelidades móveis, não hierarquizadas, frequentemente setoriais e voláteis, já a segunda, são construídas de forma política, e são fundadas sobre a fidelidade cidadã (BADIE, apud HAESBAERT, 2004, p. 282-3).

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. A condição humana. São Paulo, Forense/Edusp, 1981. _____ Homens em tempos sombrios. São Paulo, Companhia das Letras, 1987 ____ Da revolução. São Paulo, Editora Ática/Editora da UnB, 1988. _____ Poder e violência. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001,pp. 81-94. ______"O que é autoridade?". In Entre o passado e o futuro.] Editora Perspectiva, São Paulo, 2002, pp. 127-187.
ARON, Raymond.Estudos políticos. 2. ed. Brasília: Edunb, 1985.
BRANCHER, Pedro Txai Leal. Desafios Estruturais para o Estado Islâmico.. 1ºBoletim Mundorama, Artigos, Oriente Médio. DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2015. (Disponível em:http://mundorama.net/2015/02/06/desafios-estruturais-para-o-estado-islamico-por-pedro-txai-leal-brancher/)
BOFF, Leonardo. Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2002.
BROWN, N. J.; HAMZAWY, A.; OTTAWAY, M. Islamist Movements and the Democratic Process in the Arab World: Exploring the Gray Zones. Carnegie Papers Middle East Series, n. 67,2006.
CARTER, A., DEUTCH, J. e ZELIKOW, P. "Catastrophic Terrorism". In: Foreign Affairs, 1998. (Disponível no site:da revista:http://www.foreignaffairs.org).
CHALLIAND, Gérard. "Ce n'est pas une guerre, c'est le stade ultime du terrorisme classique". Entrevista publicada in Le Monde, 2001.(Disponível no site do jornal:http://www.lemonde.fr).
CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala, in: Castro, I.E., et alli (Org),
Geografia: Conceitos e temas. Bertrand, Rio de Janeiro, 1995.
COSTA, H. dos S.O Revivalismo Islâmico. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Centro de Estudos Islâmicos da Universidade Técnica de Lisboa, 2001.
DIAS,Leila Christina. Redes: emergência e organização In: Geografia: conceitos etemas. 2. ed . Bertrand, Rio de Janeiro, 2000.
DUARTE, Felipe Pathé . J i h a d i s m o G l o b a l : A (I n) C o e r ê n c i a d e u m a E s t r a t é g i a d e S u b v e r s ã o .Investigador Auxiliar do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa. Nação e Defesa.N.º 128 – 5.ª Série, 2011.
ETIENNE, Bruno. L'Islamism Radical; Paris: Hachete,1987.
GALITO, Maria Sousa. "Terrorismo : conceptualização do fenómeno". Instituto Superior de Economia e Gestão – CEsA Documentos de Trabalho nº 117,2013.
HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004a.
HOFFMAN, Bruce, "Inside Terrorism", Revisited Edition, Columbia University Press, 2006, pp.285 .
JONES, Seth, "The Future of Al-Qaeda - Testimony presented before the House Foreign Affairs Committee,Subcommittee on Terrorism, Nonproliferation and Trade", RAND Corporation, 2011.
KENNEDY, Hugh. The Great Arab Conquests: How the Spread of Islam Changes the World we Live in. Philadelphia: Da Capo Press, 2007.
KEPEL, Gilles. Jihad.. São Paulo: Bibliex Cooperativa, 2004.
LAQUEUR, Walter. "Posmodern terrorism". In: Foreign Affairs, setembro/outubro de 1996. (Disponível no site da revista: http://www.foreignaffairs.org).
LEWIS, David Levering. O Islã e a formação da Europa.. Barueri: Amarilys, 2010, pp. 570-1215.
LIA, Brynjar. Architect of Global Jihad: The Life of Al‑Qaeda Strategist AbuMus'ab Al‑Suri; London: Hurst Publishers, 2009.

LIFTON, Robert J. Destroying the World to Save It. Aum shinrikyo, Apocaliptic violence and the new global terrorism. New York, Metropolitan Books, 1999.
LOUREIRO DOS SANTOS, José A.. A Idade Imperial. A Nova Era – Reflexões sobre Estratégia III. Publicações Europa América, Lisboa, 2002, pp. 33-105.
NAPOLEONI, Loretta.A Fênix Islamista - o Estado Islâmico e A Reconfiguração do Oriente Médio. Tradução: Milton Chaves de Almeida -1.ed.-Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
PIERINI, Marc. **The European Union Must Face the Islamic State**, 2014.Disponível em:http://carnegieeurope.eu/publications/?fa=56821. Acessado em 4 de fevereiro de 2015.
PINTO, Maria Ferreira "O fundamentalismo islâmico", conferência na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2005.
RAFFESTIN, C. Por uma Geografia dopoder. São Paulo: Ática, 1993.
RODINSON, Maxime. Mahoma: El nascimento del mundo islâmico. México: Ediciones, 1974.
SACK, R. Human territoriality: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986
SANTOS, M. A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.
SOUZA, M. J. L. O Território: sobre espaço de poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO. I. E. de et al. (orgs.) Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

Sites:

- Asia Times. **The Impact of Isis Spread.** Publicado em 20 de junho de 2014. Disponível em: http://www.atimes.com/atimes/Middle_East/MID-05-200614.html. Acesso em 01 de fevereiro de 2015.
- BBC. **Battle for Iraq and Syria in maps.** Publicado em 27 de janeiro de 2015. Disponível em: http://www.bbc.com/news/world-middle-east-27838034. Acesso em 3 de fevereiro de 2015.
- BBC. **What is Islamic State.** Publicado em 16 de setembro de 2014. Disponível em: http://www.bbc.com/news/world-middle-east-29052144. Acesso em 2 de fevereiro de 2015.